

(2017), de Michael Köhlmeier.” A partir da “análise das estratégias narrativas e das convenções genológicas a que ambos os escritores recorrem, e utilizando o modelo de estudo das personagens proposto por Jens Eder (2008, 2014)”, propõe-se a A. “avaliar os modos de construção da figura de Santo António e as imagens daí decorrentes”, acabando por concluir que, “embora diferentes objetivos originem diferentes configurações, as obras confluem na apresentação de uma personagem multifacetada, cuja complexidade pode inspirar os leitores do século XXI.” (p. 623).

Em suma, saudamos a publicação desta magnífica miscelânea de estudos, sob a chancela da prestigiada Imprensa da Universidade de Coimbra, na convicção de estarmos perante um instrumento de reflexão valioso, tanto pela profusão de temas, mitos e *topoi* examinados, quanto pelo rigor científico das análises empreendidas em homenagem à docente e investigadora Maria de Fátima Sousa e Silva, a quem muito devem os Estudos Clássicos.

Emília M. da Rocha Oliveira

emilia.oliveira@ua.pt

ORCID: 0000-0002-8433-9129

DOI: doi.org/10.34624/agora.v0i26.38185

Carlos Morais; Fiona Macintotosh; Maria de Fátima Silva; Maria das Graças Augusto; Tereza Virgínia Barbosa (eds.). (2023). *Greek Mythic Heroines in Brazilian Literature and Performance*. Series: *Metaforms*, Vol. 23. Leiden-Boston: Brill. 642 pp. [ISBN: 978-90-04-67847-7; 978-90-04-67846-0; DOI: https://doi.org/10.1163/9789004678477_002].

Neste recente volume 18 da coleção *Metaforms*, publicado sob a chancela da prestigiada editora Brill, procura-se demonstrar que os estudos de receção clássica sobre antigas heroínas míticas pode trazer uma nova luz sobre os mitos clássicos na literatura brasileira, e também no domínio da tradução e do contexto performativo. Composto por 26 estudos e dividido em duas partes, este livro apresenta-nos seis ensaios sobre a figura de Antígona, na Secção 1, sendo as restantes três secções da Parte 1 dedicadas a Medeia, a Electra, a Alceste e às Bacantes.

Na Parte 2, originalmente intitulada *Translating and Performing the Classics*, vários especialistas nessas áreas dos estudos de receção clássica discutem meticolosamente, nos dez capítulos que a compõem, diversas traduções, representações e apropriações dos mitos de Antígona, de Medeia e da *Oresteia*,

de Ésquilo, no âmbito da Literatura e de contextos performativos brasileiros contemporâneos.

Estamos perante um volume muito bem estruturado: encontramos, na abertura, uma Lista de Figuras, Notas bibliográficas dos autores dos estudos, e, a fechar, uma breve Conclusão, seguida de 37 páginas de uma bibliografia selecionada muito valiosa para o estudo dos temas abordados, além de dois Índices (um de fontes antigas, outro, de autores modernos e contemporâneos), de indiscutível utilidade para o leitor.

Dada a extensão desta coletânea, é impossível discutir todas as contribuições; em vez disso, mencionarei os títulos dos estudos e limitar-me-ei a tecer algumas breves considerações, por forma a incentivar a leitura de cada um dos ensaios.

Na Introdução (pp. 1-38), da autoria de Maria de Fátima Silva e de Teresa Virgínia Barbosa, discute-se, em cinco subpartes, a presença da cultura clássica na literatura brasileira, destacando-se a influência do Barroco, do multilinguismo e do uso de mitos clássicos no drama brasileiro. Também se procede a uma breve análise da história da literatura brasileira desde a chegada dos portugueses, realçando a miscigenação de culturas e a influência da literatura portuguesa. Este texto introdutório menciona, logo no início, a importância do Carnaval como manifestação da cultura brasileira, que também pode incluir temas clássicos, como terá sido o caso da alusão implícita ao mito de Prometeu, no *samba-enredo* da Escola *Beija-Flor*, no ano de 2018. Discutem-se depois obras de vários autores brasileiros que incorporaram elementos clássicos no seu processo de escrita. Além disso, referem-se os desafios de traduzir textos clássicos para português do Brasil e destaca-se o importante papel do público na receção de espetáculos teatrais.

Na Secção 1 da Parte I (*Rewriting Ancient Greek Myths*, pp. 41- 178), o tema de Antígona é o elo que interliga os seis estudos. A abrir, Renato C. da Silva e Orlando L. de Araújo traçam um breve panorama sobre a presença multiforme do mito de Antígona, desde o período da colonização até à atualidade, na história da literatura brasileira, para, de seguida, Gilson M. Motta se focar no “eterno retorno” da heroína sofocliana (note-se que tragédia sofocliana foi, pela primeira vez, representada no Brasil, no ano de 1951 (p. 77)), reconfigurada nos seus mitemas matriciais, em peças representadas especialmente na segunda metade do século XX. Os três estudos seguintes incidem sobre a análise de três peças brasileiras que recriam com originalidade e mestria o diálogo entre passado e presente. Tereza V. R. Barbosa e Marina P. D. Mortoza demonstram como em *Pedreira das Almas*, Jorge Andrade recria as histórias do passado helénico, acreditando que a tragédia pode renovar culturas, transformando “o sofrimento em mito, por forma a adquirir liberdade e identidade” (p. 97). Andreia G. M. e Vanessa R. Brandão ocupam-se de

uma outra peça do mesmo dramaturgo Brasileiro: *As Confrarias*. Na opinião das autoras, trata-se de uma “nova Antígona” (p.126) porque, numa hábil estrutura quiástica, a retórica da peça cria uma imagem de Antígona nebulosa que se apresenta como uma máscara do mito de Agave. No penúltimo estudo desta 1.ª Secção, de autoria de Carlos Morais, analisa-se a peça brasileira *Maria das Almas*, de Rodrigo Estramanho de Almeida que caldeia de forma inovadora e engenhosa, o antigo mito de Antígona e o mito português do Rei D. Sebastião, num universo remoto e imaginário, o fictício reino de Teobá (p. 128). Segundo o A., esta peça evidencia a pertinência de uma declaração célebre de Marguerite Yourcenar: “Antigone’s heart is the pendulum of the world” (p.134). A figura de Ismene inspira o último ensaio da Secção, da autoria de Carlinda F. P. Nuñez e Tereza V. R. Barbosa. Ausente das peças anteriormente analisadas, as A. notam que, em duas peças do século XXI, é a irmã de Antígona que sobe ao palco. São elas *Doce Ismênia* (2011), de Rita Clemente, e *A Tragédia de Ismene, Princesa de Tebas* (2007), de Pedro de Senna. É sobre esta última que a análise de intertextualidade de transferência cultural vai incidir, colocando-se em confronto os elementos transtemporais e os não-contemporâneos que se inserem na surpreendente composição de uma nova experiência do género trágico.

Na Secção 2, os sete capítulos são dedicados à reescrita do tema de Medeia.

Carlos E. de S. L. Gomes e T. V. R. Barbosa revisitam a obra poética do autor do Romantismo brasileiro, Castro Alves, nomeadamente os poemas *Mater Dolorosa* e *Tragédia no lar*, para demonstrarem como, em sintonia com a estética da época, se recupera a antiga tradição mítica grega, em particular, o tema de Medeia. A peça *Anjo Negro*, de Nelson Rodrigues, é o objeto de análise de Sônia A. dos Anjos que trata o fenómeno de receção clássica como uma forma de intertextualidade entre a *Medeia* euripídiana e o processo reescritearalizado pelo dramaturgo brasileiro. No cap. 10, sobre a peça de Agostino Olavo, *Além do Rio*, Teresa V. R. Barbosa, Marcos A. A. e Adélia S. Carvalho centram a sua reflexão crítica na recriação do hipotexto de Eurípides num contexto contemporâneo marcado por um entrecruzamento de culturas, na senda transgressiva do denominado “Teatro Negro”. A análise da peça teatral *Gota d’Água*, de Chico Buarque de Holanda, é o tema do ensaio de Luisa S. Buarque de Holanda que, depois de situar a representação deste drama musical no contexto histórico brasileiro, analisa a questão dos caracteres (em que inclui a Música), numa perspetiva também comparatista que faz ressaltar a dimensão inovadora e criativa da peça brasileira. Francisca L.S. da Silva e Orlando L. de Araújo, explorando o tema do “exílio”, apresentam um estudo que examina e interpreta o “diálogo” que se estabelece entre as peças de Eurípides e de Clara de Góes, *Medea en Promenade*. O último capítulo desta secção, de autoria de

Fábio H. Viana, Francisca L. S. da Silva e Manuela R. Barbosa, procura destacar a significativa relevância da composição fragmentada e marcada pelo hibridismo da ópera *Kseni - A Estrangeira*, de Jocy de Oliveira, que constrói “múltiplas identidades” e “alteridades intersectadas” (p. 311) num espaço cénico-poético em que a temática do exílio, associada a outros tópicos clássicos, é representado numa perspetiva contemporânea transcultural, consentânea com as principais preocupações da humanidade.

A Secção 3 inclui um único capítulo dedicado à figura mítica de Electra. Antonio C. Hirsh apresenta, um estudo crítico sobre a peça *A Senhora dos Afogados*, do autor pernambucano Nelson Rodrigues, um claro testemunho de renovação do mito de Electra no teatro brasileiro. Nesta “Electra em Terra Incógnita” (p. 351), destaca-se a ambivalência da protagonista Moema, que se configura numa perspetiva inovadora da recriação do mito antigo, que atravessou os séculos, e se entrelaça, imaginariamente, com a ninfa Tupinambá da mitologia brasileira.

Também as Secções 5 e 6 são compostas por um único estudo. Na primeira, retomando o mito de Alceste, Jorge Deserto analisa a peça *Que venha a Senhora Dona*, escrita e encenada no mesmo ano de 1981 e publicada, com algumas alterações, só no ano de 2007. Apesar de se tratar de uma peça inspirada na figura euripídiana de Alceste, protagonista da tragédia homónima de Eurípides, influências de outros autores contemporâneos subjazem à construção de uma intriga muito bem organizada que retoma a insólita (senão absurda) questão de alguém encontrar um(a) substituto(a) para morrer na sua vez. As novas escolhas de Brandão, especialmente ao substituir Admeto por uma criança ainda com pouco tempo de vida, acaba por motivar uma série de contratos e complexidades que, passados dois milénios, colocam em cena a sempiterna angústia humana perante a morte iminente, um *pathos* difícil de aceitar. Às *Bacantes*, é dedicado o estudo da Secção 5. Teresa V. R. Barbosa e Alice C. D. Leite trazem à memória o antigo ritual dionisíaco de *sparagmós* numa análise subtil da peça de Millôr Fernandes, intitulada *Flávia, cabeça, tronco e membros*. Na dramaturgia transgressiva do autor brasileiro, a exposição cénica de cadáveres e de corpos desmembrados e ensanguentados levam a protagonista, Flávia, ao desejo de ela própria sentir a intensidade da morte, no seu anseio de viver mais integralmente a vida.

A Parte 2 do livro, intitulada *Translations and Performing the Classic* (pp. 397-578) encontra-se subdividida em dez capítulos. Flávia A. V. Resende e Sara del C. Rojo de la Rosa apresentam um estudo comparatista, repartido por diferentes tópicos, de quatro traduções brasileiras e portuguesas (as de Guilherme de Almeida, Mário da Gama Kuty, Donald Schüller e Laurence Flores Pereira). Segue-se o estudo de Kathrin Rosenfield que se centra na influência que a tradução e a interpretação

de Hölderlin exerceu na compreensão do antigo “espírito” grego, do mito e do sentido trágico, nomeadamente no que toca à *Antígona* sofocliana, tendo sido um precursor de chaves de leitura que encontramos em críticos contemporâneos. No capítulo 20, Lawrence F. Pereira descreve criticamente as dificuldades que enfrentou e sobre as quais teve de tomar decisões tradutológicas, na sua versão brasileira de *Antígona* (2006). No estudo seguinte, recordando o surgimento, em 31 de maio de 1978, da “Tribo de Actuadores”, *Ói Nós Aqui Travels – ONAT*, Felipe Cordeiro e Tereza V. R. Barbosa fazem incidir a sua análise sobre os mitos clássicos representados por estes “atuadores” que, na senda de Artaud e do teatro político, se apropriaram de mitos clássicos, em peças como *Antígona, ritos de paixão e morte*, *Kassandra in Process* e *Medeia vozes*. No estudo seguinte, de Vanessa R. Brandão e Marina P. D. Mortoza, vem à cena uma curiosa adaptação identificada com a *Pop-culture*, na análise da peça *Medeia*, de Fátima Saadi, em que a dramaticidade do texto encena uma adaptação da tragédia grega à cultura contemporânea, perseverando-se a intriga clássica, mas como se se tratasse de uma colagem de dramas do dia a dia para o público hodierno. Uma outra *Medeia* contemporânea é o tema de estudado por Vanessa Ribeiro Brandão e Marina P. D. Mortoza a propósito da peça *Medeiazonamorta*, criada e representada pelo Grupo brasileiro Teatro Investido. Maria Antónia Hörster e Delfim F. Leão apresentam uma reflexão documentada sobre a “apropriação” (p. 505) da *Medeia* euripídiana pelo grupo de teatro experimental da Universidade de Minas Gerais, TRUITERSA. Ressaltando que a dimensão política do antigo teatro grego deve ser entendida como “uma expressão do envolvimento do indivíduo nos interesses e assuntos da coletividade” (p. 526), os A. concluem que essa representação experimental da *Medeia* euripídiana concilia duas atitudes, geralmente consideradas antagónicas: o *sparagmos* dionísíaco e o *enthousiasmos* brasileiro. Seguidamente, o estudo de Sara Rojo e Felipe Cordeiro procura ser um contributo para reforçar a ideia de que, no Teatro Brasileiro, existe um diálogo polifónico entre o “clássico” e a contemporaneidade. Abordando o exemplo do complexo trabalho de construção de uma “nova *Medeia*” pela atriz brasileira Marina Viana, referem como a versatilidade do mito permite a seleção/omissão de mitemas e de estratégias dramáticas, por forma a que a figura mítica de *Medeia* produza novos ecos. O último capítulo desta Parte II, da autoria de Alexandre Costa, apresenta um subtítulo muito sugestivo – e quiçá premonitório: “A tradução e reinvenção da tragédia”. Acreditando que a ideia de “transcrição” é central para a conceção de produção de uma obra teatral que pretende transpor a *Oresteia* esquiliana para um palco contemporâneo, o A. discute uma série de tópicos de importância maior para esse processo de translação/recriação pós-dramática.

A sucinta conclusão final reforça a impressão que nos deixa a leitura deste volumoso livro. As variadas reflexões teórico-críticas, comparatistas e performativas sobre a presença de temas greco-latinos na tradição dramática brasileira testemunham a grande vitalidade dos clássicos. Com diferentes sensibilidades, estilos autorais e estratégias dramatúrgicas, decorrentes dos diferentes contextos histórico-culturais em que as peças foram produzidas, a matriz clássica adaptou-se a uma brasilidade, que, naturalmente, se deixou também permear por outras literaturas e culturas.

Como se referiu inicialmente, era impossível facultar aqui uma abordagem crítica e minimamente exaustiva de temas de tão grande complexidade como aqueles que são discutidos nos 26 estudos deste volume. Sem qualquer dúvida, estamos perante uma obra essencial, altamente recomendável, para todos os que se interessam por estudos de recepção clássica, em particular, na área do Teatro Brasileiro.

Só pode ser, portanto, louvado este projeto editorial que tem grande pertinência num mundo global em que se continua a estudar e a discutir a recepção clássica.

Maria Fernanda Brasete

mbrasete@ua.pt

ORCID: 0000-0001-6496-2311

DOI: doi.org/10.34624/agora.v0i26.38188